

Economia - Brasil

Retomada se consolida, confirmam empresas

ESTADO DE SÃO PAULO 09 NOV 2003

Percepção de empresários reforça tendência apontada por indicadores econômicos

FERNANDO DANTAS

e 4% no ano que vem, e acima de 4% a partir de 2005, na sua avaliação.

“O que muita gente não entende é que o ajuste cambial ainda não estava completo em 1999 e 2000, e foi feito de lá para cá”, diz o economista. Para Spacov, a forte desvalorização do câmbio e seu efeito inflacionário obrigaram o Banco Central a manter o juro real em nível tão alto da desvalorização até hoje. Vencida a etapa de redução da vulnerabilidade externa, e com alta capacidade ociosa nas indústrias e salários achatados, ele vê amplo espaço para queda do juro real e crescimento sustentado: “Não sofremos em vão”.

O otimismo de Spacov, naturalmente, não é o sentimento geral. Robert Mangels, diretor-presidente da Mangels Industrial, produtor de laminados de aço, rodas de carros e botijões de gás, com 85% das vendas no mercado interno, diz que “em outubro, sentimos apenas uma ligeira melhora”.

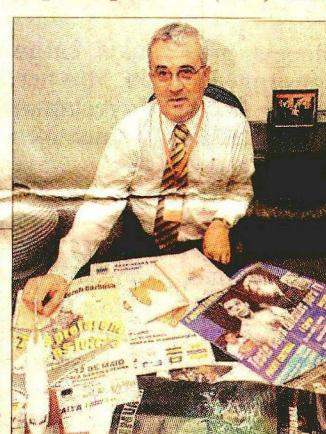
No mercado específico da Mangels, o pior período foi de junho a setembro. Em outubro, as vendas avançaram 6% em relação ao nível do mês anterior. “Os economistas dizem que as condições macroeconômicas são favoráveis, mas os juros reais continuam muito altos”, critica Robert Mangels. Ele considera que o ritmo da queda está muito lento, e inibe a recuperação do consumo.

Ironicamente, os comentários de Mangels podem, por um certo ângulo, reforçar o argumento otimista de Spacov e de diversos outros analistas do mercado financeiro. Não há dúvida que o ritmo da queda do juro real é exasperante. Se, por um lado, o piso dos juros reais de mercado despencou de 18%, no início

do ano, para 10,5%, hoje, a evolução nas últimas semanas foi bem mais lenta. Por outro lado, se a previsão de Spacov se confirmar, e os juros reais romperem para baixo a barreira dos 10%, e continuarem a cair – mesmo lentamente –, uma das maiores aberrações da economia brasileira pode gradativamente ser desmontada.

Dinamismo – Mesmo com os juros ainda altos, não falta dinamismo empresarial na economia brasileira. A empresa aérea Gol, por exemplo, do empresário Constantino Júnior, vai fazer três anos em janeiro, e só conheceu o ambiente quase recessivo desse período. Apesar disso, a Gol abocanhou 20% do mercado doméstico, e hoje tem 2.350 empregados e 22 aeronaves, transportando 600 mil passageiros por mês no Brasil.

Spacov observa que, depois do Plano Real, a economia brasileira teve uma primeira fase, de câmbio controlado, com juros reais altíssimos, em torno de 20% ao ano na média (ele se refere ao piso das taxas de juros a cada momento). Depois da desvalorização de 1999, o juro real recuou, mas a média ainda ficou acima de 10%, muito alta em termos mundiais. Agora, ele vê condições para um juro real de 8% no fim de 2004, e ainda menor adiante. Com isso, a economia poderia crescer entre 3%



Esperamos crescimento de 10% a 12% em 2004

Tarcísio Gargioni,
vice-presidente de
Marketing e
Serviços da Gol

